

Attendendo por um lado ao apparecimento das moedas romanas¹, e dos outros objectos tanto de metal como de barro de origem romana, e por outro aos utensilios de pedra e a alguns fragmentos de louça simples e ornamentada, parece-me poder seguramente collocar o castro de Ázere no 4.º typo: *Castros luso-romanos*.

A relativa abundancia de restos de civilização indigena explica-se, creio eu, como hoje se explica o atraso das povoações ruraes, comparado com o adeantamento dos centros mais populosos.

Arcos de Valdevez, Abril de 1895.

F. ALVES PEREIRA.

Museu Archeologico em Moncorvo

O jornal *O Moncorvense*, de 2 de Junho de 1895, advoga em entusiastico artigo, assignado pelo nosso collaborador o Rev. José Augusto Tavares, a criação de um Museu Municipal na villa de Moncorvo.

Adduzem-se, como razões principaes, já o constituir um museu um importante melhoramento, que de certo attrahiria á localidade visitantes e estudiosos, já o ser Moncorvo um centro de estações archeologicas, entre as quaes figura o monte do Roboredo, com antigos vestigios de explorações mineiras e a estrada chamada *mourisca*, o Felgar e Villa-Velha com lapides epigraphicas, as Cabanas-de-Baixo com os celebres *berrões*, o Olival-da-Rasa com sepulturas abertas na rocha, Villarinho e Castedo com monumentos prehistoricos, etc. A estas razões accrescenta-se o facto de não haver ainda na provincia de Tras-os-Montes nenhum museu público, vindo assim Moncorvo não só a ter a glória de possuir o primeiro, mas a poder mais facilmente colligir objectos.

Segundo diz o Sr. P.º Tavares, a Camara Municipal moncorvense dispõe de uma espaçosa sala que serviria para se installar o Museu. O Sr. P.º Tavares, alem da sua propria influencia, e exemplo, pois offerece desde logo para o Museu oito ou dez machados neolithicos e várias moedas romanas, conta com o auxilio dos Srs. Dr. Margarido, de Moncorvo, e P.º Adriano Guerra.

¹ Alem das duas, cujo typo descrevo, appareceram outras que posso afirmar serem romanas, mas quasi completamente corroidas da oxydação.

Pela minha parte, já n-*O Archeologo Português*, pag. 37 sqq., expus algumas ideias á cêrca da importancia dos museus locaes; e por isso não regatearei louvores ao Sr. P.^o Tavares.

É de esperar que a Ex.^{ma} Camara moncorvensê, inspirando-se em sentimentos patrioticos e scientificos, e seguindo o exemplo de outras municipalidades illustradas, quaes são as de Beja, de Alcacer do Sal, de Faro, de Elvas, da Figueira, etc., dê plena execução áquelle meritorio alvitre, e em breve tenhamos de registar nos annaes da Archeologia Portuguesa a fundação de mais um museu.

J. L. DE V.

Casa onde nasceu Bocage

O forasteiro que visita Setubal, e não é indifferente aos titulos litterarios que nobilitam esta cidade, procura sempre ver a casa em que nasceu Bocage.

Essa casa fica na rua de S. Domingos e está assignalada com uma lapide cuja inscripção commemora o nascimento do insigne poeta, succedido a 15 de Setembro de 1765.

Aquella lapide foi mandada collocar, não a expensas da municipalidade, como, por inexacta informação se lê na *Livraria Classica*, mas sim com o producto de uma subscripção promovida por Manoel Maria Portella, de Setubal.

No corrente anno de 1895 foi alterada a frontaria d'essa casa que devemos considerar edificio historico, e cuja fórma exterior cumpria por isso conservar.

Agora ficou ella differindo da que tem sido representada por meio de gravura em varios periodicos de Portugal e Brasil.

Lastimamos que se dêsse tal facto, e que a vereação do municipio setubalensê, á qual foi offerecida a dita casa por um estrangeiro benemerito, o Sr. Visconde de Bartissol, não obstasse a isso, e antes consentisse.

«... a vestidura de pedra que dá agasalho aos cadaveres encerra toda a vida antiga.»

A. HERCULANO, *Opusculos*, v, 45.